

Furacão de votos promete varrer mordomia

CARLOS HONORATO
Secretário de Redação

Após governar o segundo Estado mais pobre do País, Alagoas, onde reside 1,2 milhão de eleitores, o equivalente a menos de 2 por cento dos brasileiros que foram às urnas no último dia 15, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, 40 anos, chega ao segundo turno da eleição presidencial como um verdadeiro fenômeno eleitoral. Atrás dos milhões de votos que conseguiu, Collor carrega na bagagem uma promessa difícil de ser cumprida nos tempos atuais: reduzir em um ano e meio a inflação a 3 por cento ao mês. Além disso, promete uma verdadeira vassourada — os inimigos o comparam a Lúcio Quadros — nos benefícios: “Na minha gestão não vai haver mordomia. Vou vender as mansões do Governo em Brasília e os carros oficiais dos ministros”.

Para se transformar em um “verdadeiro furacão” de voto, como dizem seus aliados, Collor não fez qualquer grande obra quando esteve à frente do Governo de Alagoas. Mas descobriu o mapa da mina da “caçada aos marajás”, que demonstrou ter um excelente impacto político. Outro ponto aproveitado pela assessoria da campanha de Fernando Collor foi a fragilidade dos partidos. Isto porque uma grande parcela dos eleitores brasileiros está incluída na ala dos chamados “sem partido”. E existem dados que comprovam. Uma pesquisa feita em maio de 1988 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública (Ibope) revelou que 43 por cento dos cidadãos não tinham partido. E mais: a maioria — 75 por cento — dos que possuíam o título de eleitor não tinham qualquer interesse por política e sequer lembravam dos nomes dos partidos, além de não terem definição política ou ideológica entre os presidencialistas.

Quando ainda era o “caçador de marajás” como governador de Alagoas, Collor de Mello chegou a ser sondado para integrar a chapa de Ulysses Guimarães, pois já havia conquistado a reputação de um político sério e defensor da moralidade. Segundo publicou a revista *Veja*, o ex-ministro Raul de Almeida Magalhães chegou a consultá-lo sobre a sua possível candidatura a vice na chapa de Ulysses. Collor sorriu e disparou: “Ministro, o senhor deve estar enganado. Sou candidato a Presidente, não a vice”. O tempo passou e o então governador logo passou a ser o inimigo número um do presidente José Sarney, que, no final da campanha eleitoral do primeiro turno, dividiu o horário eleitoral do candidato do PRN para responder às acusações que lhe foram feitas. Não provou nada e ainda contribuiu para aumentar os milhões de votos de Collor.

Só que hoje o candidato a disputar o segundo turno da eleição presidencial contra Lula ou Brizola tem atrás de si inúmeras acusações. Existem denúncias de que Collor teria comprado, com o dinheiro da Previdência Social, 97 veículos sem licitação. Isto, segundo uma auditoria feita pelo Inamps. O acordo com os usineiros é outro ponto ainda confuso. Outro ponto é que, segundo o

Tribunal de Contas, Collor como governador de Alagoas teria gasto NCz\$ 320 mil como uma espécie de “verba secreta”. Este dinheiro, segundo o prefeito de Maceió, Guilherme Palmeira, teria sido desviado para a campanha.

Mas a munição dos inimigos não pára por aí. Nomeado prefeito de Maceió pelo PDS, além de ter sido eleitor de Paulo Maluf no Colégio Eleitoral, Collor debandou para o PMDB em 1985. Uma jogada certa, pois conseguiu eleger-se governador de Alagoas. Mas quando esteve à frente da prefeitura de Maceió, Collor é acusado de ter nomeado 6.000 funcionários sem concurso. Um número nada aconselhável para quem caça marajás. Só que ele alega que as contratações não passaram de 16. O resto teria sido anexado ao ato de forma irregular.

METAMORFOSE

Quando resolveu fazer a caminhada para a Presidência da República, não tinha partido expressivo para dar-lhe apoio e com idéias pouco definidas para quem planeja alcançar um posto tão alto da República. A sua candidatura no início poderia ser considerada como uma grande piada nacional. Muitos até se perguntavam: “Como pode alguém de Alagoas querer chegar à Presidência da República? É muita coragem.” Só que Collor conseguiu calar a todos na sua investida. Graças a um componente básico quando existe eleição: voto na urna.

Apesar da sua grande votação, muitos garantem que a ignorância dos eleitores é que levou Collor a liderar as pesquisas. Talvez isto seja provável, pois existe a estimativa de que pelo menos 50 por cento dos eleitores não conseguiram completar o segundo grau. Numa faixa de 68 por cento dos eleitores, 10 por cento são analfabetos. Mas também existe a marca do conservadorismo no conjunto da população brasileira. Um estudo do Instituto Brasileiro de Análise Sócio-Econômica (Ibase) mostra que o eleitorado residente nos chamados pequenos municípios de até 50 mil habitantes têm uma tendência marcadamente conservadora. E Collor soube explorar bem esta situação. Isto porque nos pequenos municípios o voto é muito menos independente. Mas como explicar o fato de que em todos os municípios, de grande ou pequeno porte, Collor teve uma votação expressiva? Talvez seja a debilidade dos partidos ou até mesmo o fim do chamado clientelismo.

Apesar de todas as análises feitas até agora, o fato é que este candidato de temperamento agressivo, de porte atlético, ex-campeão de karatê e altamente cuidadoso com seus ternos e camisas, chega ao segundo turno da eleição presidencial com grandes chances de derrotar quem quer que seja. “Quem votou em Collor no primeiro turno não tem qualquer motivo para não repetir o voto no segundo turno da eleição”, avalia um de seus colaboradores. E parece que o candidato já assimilou este tipo de análise, pois já está descartando qualquer acordo em troca de cargos. “Seria fazer a mesma coisa que fez a chamada Aliança Democrática, que deu no que deu”, explica um outro político.